

Collecção Silva Vieira

Tradições Populares

VOCABULARIO E TOPOONYMIA

DA

GUARDA

POR

A. Gomes Pereira

PROFESSOR DO LICEU CENTRAL DO PORTO



582

3

ESPOZENDE

Livraria Espozendense

EDITORIA

1912



(469.31)

Volume offerecido á Biblioteca da
Escola Primaria Superior de Barce-
los, por José da Silva Vieira.
Espozende, 5-12-22.

C.M.B.
Biblioteca



Tradições Populares — E — Vocabulario da Guarda

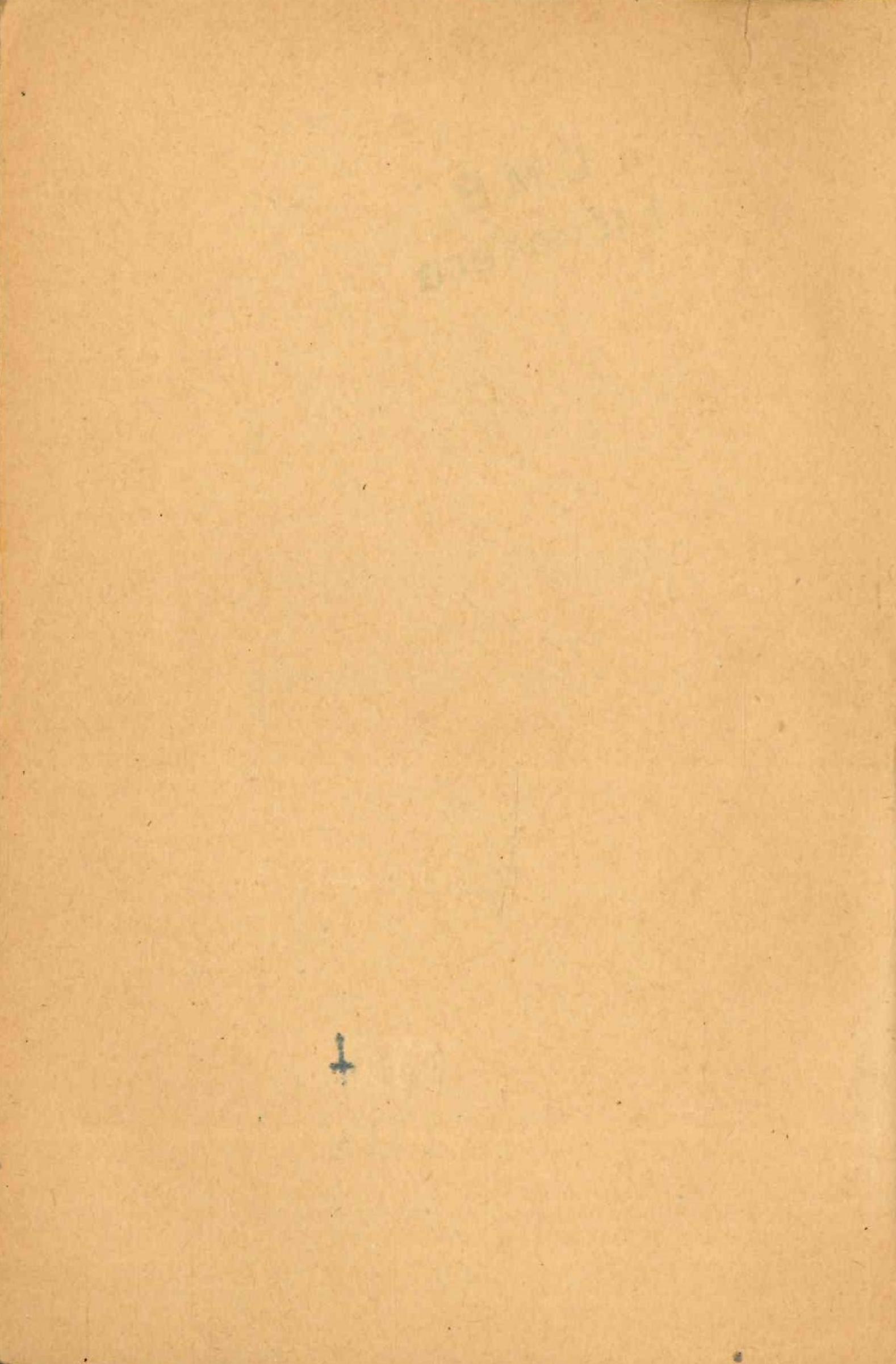


F.S.2-529

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA

№ 6354

6355



C.M.B.
Biblioteca

Collecção Silva Vieira

Tradições Populares

E VOCABULARIO

DA

GUARDA

POR

A. Gomes Pereira

PROFESSOR DO LICEU CENTRAL DO PORTO



ESPOZENDE

Livraria Espozendense

EDITORIA

—
1912

Barcelos
Portugal

ESPOZENDE
—
TYPOGRAPHIA ESPOZENDENSE
DE
José da Silva Vieira
—
1912

Tradições populares da Guarda

A *Guarda* é a mais alta (quasi 1.000 metros) e tambem a mais pequena das nossas cidades (5.000 habitantes). E' a capital dum grande districto, que corre ao longo da raia hespanhola desde o Douro até quasi ao Tejo. Foi edificada pelo nosso segundo rei, D. Sancho, no alto duma serra como castello ou ponto de defesa contra os inimigos que viessem do lado da Hespanha. E' isso mesmo o que designa o seu nome *Guarda*, do germanico *warda*, atalaya, defesa.

O nome do rei fundador ainda lá se conserva a denominar uma rua.

Da antiga muralha da cidade só existem alguns lanços de pouca extensão e nestes duas portas de architectura gothica, a de Santo Antonio e a da Estrella. Uma das torres está convertida em observatorio meteorologico. O castello, apesar de inutilisado, lá campeia ainda no ponto mais alto da montanha. A Sé, ha 10 annos em restauração, é o primeiro monumento gothico depois da Batalha.

O povo é robusto, laborioso e em geral bem morigerado. Basta citar para amostra, que qualquer objecto que se perde nas ruas (uma bengala, um guardasol, um chapeu etc.) é logo entregue á policia ou levado a casa do proprio individuo. Varias pessoas me garantiram que alli não havia ratoneiros.

O mais notavel defeito da gente do povo, mas commum a todas as terras pequenas, é o espirito de maledicencia contra tudo e ás vezes pelos motivos mais insignificantes.

Quando o actual bispo, D. Manoel Vieira de Mattos, creou junto ao Mondego o Seminario de preparatorios, feriu os interesses d'algumas fa-

milias que davam quartel aos estudantes: pois foi o bastante para toda a cidade se insurgir contra elle, inventando e propalando as coisas mais disparatadas.

Quando em 1907 se inaugurou o *Sanatorio* para os tuberculosos, feriu tambem os lucros de algumas casas onde ate alli se albergavam: pois repetiram-se as mesmas scenas, e ainda agora, depois de cinco annos, o primeiro espectaculo que deparam os doentes ao desembarcarem na estação do caminho de ferro é uma chusma de cocheiros a dissuadi-los de entrar no *Sanatorio* e a aconselhar-lhes as casas particulares (as quais, aqui para nós, que ninguem nos ouve, lhes abonam 1\$000 reis ou 1\$500 por cada doente).

Este espirito de má lingua conhece-se tambem pelas alcunhas ou apelidos com que se batisam uns aos outros. Eis uma pequena lista d'alguns que lá ouvi: o *Babôna*, o *Sécca*, o *Caróla*, o *Zé-boi*, o *Penetra*, o *Fé-dór*, o *Bandarra*, o *Zé Rabéca*, o *Ri-Ri*, o *Cuco*, o *Lá isso sim*, o *Catai*, o *Cardanha*, as *Chapas*, os *Gigantes*.

Porém nas altas classes os defeitos são bem maiores: a *politiquice* aqui, como em muitas partes, é uma grande fonte de odios, vinganças e prepotencias: a *usura* tambem aqui estende a sua rede de miserias; pode dizer-se que a fortuna da terra está concentrada nas mãos de 7 ou 8 ricaços, que abusam da desgraça do povo emprestando-lhe dinheiro a 15, 20, 30 e 35 %: e por ultimo apparece-nos a *roubalheira em grande escala*. A maior parte das grandes fortunas são apontadas (mas á boca pequena, já se vê), como de má procedencia. A *Memoria sobre o bispado e districto da Guarda* do dr. José Osorio de Castro, quando falla do espolio do extinto convento de Santa Clara, diz claramente que algumas familias da terra ficaram compromettidas por causa dos objectos desapparecidos. Tambem lá me contaram um caso sucedido ha annos no tribunal. Um homem do povo acabava de ser condenado pelo juiz a alguns dias de cadeia por causa dum pequeno furto, talvez devido á necessidade. O homem depois de ouvir a condenação

do juiz, levanta-se com as lagrimas a rebentar dos olhos e diz voltado para elle: *Fui bem condemnado e não é disso que eu me queixo. A justiça porrem só vê a mim e aos pequenos. Os grandes podem roubar centenas de contos, que ella tem sempre os olhos fechados.* O *Patricio*, o *Balsemão*, o *Sacadura*, o *Mantas*, o *Caroça*, o *Chouriça*, os *Chochos*, esses podem fazer quanto quiserem. O juiz, apenas começou a ouvir nomear os figurões da terra, mandou-o calar por varias vezes, mas elle foi continuando com a ladainha até ao fim.

Quanto á parte material da cidade o unico melhoramento moderno que tem é o da *luz electrica*: mas o que mais falta lhe faz é a canalisação da agua do Mondego, com machinismos modernos que a façam subir áquella altura. As casas não tem latrinas nem fossas mouras, e os dejectos são levados em latas para fora dos muros. Não pode haver limpeza numa terra assim. E' bem significativa uma poesia que vem adiante (n.º 2 das quadras).

Quanto aos costumes do povo de

fora é bem sabido de todos que elle faz muitas vezes justiça por suas mãos, sobretudo quando vê que as autoridades são morosas de mais.

Havia nos arredores da cidade tres grandes ladrões e assassinos, que infundiam terror a toda a gente. Pois o povo reuniu-se em massa e fez-lhes montaria, expropriando-os por utilidade publica. Chamavam-se o José das Eiras, o João Gallego e o Messias.



QUADRAS

1

Adeus, cidade da Guarda,
Adeus, tudo o que ella tem :
Adeus, chafariz da Dorna,
Adeus, trigos de vintem.

2

Ai Guarda da minha vida,
Guarda de todos os santos :
Tisicos por todos os lados,
M... por todos os cantos (¹).

(¹) Um *brasileiro*, que lá encontrei, disse-me que esta quadra era uma imitação duma outra atribuída a Thomás Ribeiro, quando passava em frente da Bahia, retirando de embaixador no Brasil :

Adeus, Bahia de S. Salvador,
Terra de Todos os Santos,
P... por todos os lados
M... por todos os cantos.



3

Castello de cinco quinas
 Não o ha em Portugal,
 Só ao cimo do Côa
 Na villa do Sabugal.

4

Nossa Senhora da Povoa,
 Quem vos varrerá o terreiro !
 —As moças de Quadrazais
 C'um raminho de lóreiro.

5

O' Coimbra, ó Coimbra,
 Onde se formam os doutores,
 Onde tambem se formaram
 Os meus primeiros amores.

6

Fui ao Douro á vendima,
 Não achei que vendimar:
 Vendimaram-me as costellas,
 E' o q'eu lá fui ganhar.

7

O' triste segunda-feira
 Da semana que ha de vir:
 Vai-se o meu amor embora,
 Quem o ha de ver partir.

8

O meu amor é estudante,
 Usa capa e batina:
 Nunca vai para o Liceu
 Que não diga: adeus, menina.

9

Menina do lenço preto,
 Diga-me quem lhe morreu:
 Se lhe morreu pai ou māi,
 Pela menina morro eu.

10

Eu não sei donde sou,
 A minha terra não sei:
 Sei a terra onde nasci,
 Não sei a terra onde morrerei.

11

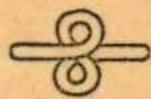
Severa subiu ao ceo
 C'úa guitarra na mão:
 Os anjos são meus parentes,
 Oh! que linda reinação!

12

Reixinol da pena verde,
 Onde aprendeste teu cantar?
 —No palacio da rainha,
 Onde o rei vai passear.

Do S. João ao S. Pedro
Quatro dias são:
Ai, juntai-vos, raparigas,
Ai, que bella reinação!

Se algum dia te quís bem,
Esse tempo já passou:
Eu ainda olhar para ti
Foi geito que me ficou.



Oração do moleiro

Anda cá, taleiguinha,
Que de longe me pareces saco,
E tres que me deves
E tres que te rapo,
E outras tres por levar e trazer,
Que nem o saco has de ver.

Saquinho, vai para esse canto,
E á tarde tirarei outro tanto :
E vem o dono, vê a mó a moer,
E então pagará o que dever.

Vem a senhora Maria,
Tira a sua maquia,
E vem a mulher,
Tirará o que *quier*.
Vem o *home* do lameiro
C'um cesto de herva à cabeça
Pró burrinho comer ;
E no fim seja louvado
N. Senhor Jesus Christo.



Superstições

1. As pessoas rendidas devem na manhã de S. João passar por um carvalho rachado: se elle soldar também a pessoa sara.
2. Não se devem sacudir ou deitar fora as migalhas da toalha sem as offerecer pelas almas.
3. A' noite não devemos deitar pela porta fora agua quente, porque pode queimar as almas que andam ás migalhas.
4. As raparigas novas costumam calcular pelo cantar do cuco o tempo que hão de estar solteiras e por isso se lhes attribue a seguinte pergunta em verso :

Cuco d'álem da ribeira,
Quantos annos me dás de solteira?

5. O *uivar* dos cães é sinal de mau agouro.

6. Matar um gato é atrasar fortuna.

7. Na noite do S. João deitam um ovo num copo d'água para saberem a sorte que hão de ter. Também costumam ir lavar-se antes do sol nado em água de 7 fontes para serem felizes.

8. Disseram-me que feiticeiras de fama não havia nenhuma na Guarda, mas que as havia na vizinhança e citaram-me o *bento* de Relvas (no Mondego) e a *benta* da Arreigada (*bento* e *benta* são aqui synonyms de *feiticeiro* e *feiticeira*) e que a elles se recorria, quando se estava a braços com uma doença prolongada.

O sacristão da Sé, um bom velho de 80 annos, contou-me os immensos trabalhos que teve para levar uma endemoninhada aos exorcismos a

uma aldeia chamada S. Bernardino, perto de Bragança. «O que eu por lá soffri, dizia-me o velho, através da Beira e Tras-os-Montes, e durante 8 dias, mal o pode vossenhoria imaginar: aquillo só á vista.»

9. Os *mêdos* ou almas do outro mundo tambem por alli aparecem a fazer os seus estragos. E' conhecido de toda a Guarda o caso da quinta de Maria Vela. Começou-se a espalhar que andava o diabo mettido no corpo duma rapariga dos seus 18 a 20 annos, que ella fazia coisas prodigiosas, que trepava para o alto das casas, que fugia para o cume das arvores etc. Todo o povo lá acudia para assistir áquellas sessões; quando alguem a *requeria*, respondia ella ou o diabo lá de dentro: *eu sou o avô do Zé Bernardo, que mudei os marcos da quinta de Maria Vela e deshonrei a propria filha.* Uma das vezes chegou a ir lá o conego Ruy e outros padres, munidos de estolas e agua benta, para o deitar fora; mas elle, longe de obedecer, tais nomes e injurias chamou

aos padres, que elles tiveram de retroceder.

O que é certo, é que passados alguns meses a rapariga deu á luz uma creança e acabou-se o bruxêdo ou possessão diabolica, embora ficasse sempre algum tanto *atrujida* de corpo.



Lendas

I. Lenda da Senhora do Milêu.— Quasi a meio da estrada em zig-zag, que vai da estação da linha ferrea até ás alturas da Guarda, fica a Povoa de Milêu, notavel por uma capella de ar-chitectura antiquissima e por uma romaria que ahi se faz a 15 de agosto.

Diz o povo que, andando D. Affonso Henriques em luta cerrada com os mouros, duma vez eram tantos que causavam medo aos mais valentes, mas uma filha que sempre o acompanhava na guerra, começou logo a gritar alto e bom som: *para mil eu*. Com estas palavras de bom agouro todos se animaram ao combate e os inimigos foram destroçados. Mais tarde, tendo já morrido esta filha do rei, veiu a saber-se que era santa, porque

o seu corpo não apodrecia na sepultura. Logo se lhe construiu uma capella com o nome de *Senhora do Milieu* na Idanha, donde em tempos de D. Sancho foi transportada com parte da população para a Guarda.

Outra variante da lenda diz que, estando uma noite os ladrões a puxar á aldrava para arrombarem a porta da capella, veiu lá de dentro N. Senhora e lhes disse: *para mil eu*, e elles fugiram espavoridos.

2. Lenda do Mondego. — Os rios Zézere, Alva e Mondego são irmãos, porque nascem da mesma lagoa na serra da Estrella. Depois de dormirem estes tres irmãos o seu sonno lá no principio do mundo, o primeiro que acordou foi o Zézere, que esco lheu os melhores logares caminhando para o sul; em seguida foi o Alva, que ainda encontrou um terreno razoavel para poder romper; por ultimo foi o Mondego, que só encontrou terrenos seccos, logares escabrosos, e alcantilladas penedias, sendo-lhe preciso dar mil voltas para chegar ao seu destino; mas elle nem porisso

esmoreceu, antes disse: *vá o Mondego por onde se abrir o rego.*

3. **Lenda do Jarmêllo.** — Jarmêllo, villa situada no alto duma montanha, era a patria dum dos assassinos de Ignês de Castro. D. Pedro, seu esposo, resolveu dar áquella terra um grande castigo e foi lá em pessoa manda-la arrasar. Só escaparam duas igrejas, que ainda hoje se vêem no alto. Lá está tambem ainda a pedra onde subiu D. Pedro para dizer voltado para as ruinas: *adeus Jarmêllo para sempre* e donde montou a cavallo, profetisando que aquella pedra ganharia dinheiro enquanto o mundo fosse o mundo.

Efectivamente assim tem sucedido, porque a pedra foi convertida numa especie de caixa das almas, onde todos os passageiros deitam esmola.

4. **Lenda da Misarella.** — O povo da Misarella, freguesia vizinha do Mondego, tem uma lenda quasi identica á de Penajoia no Douro e muito parecida com a da Pousa em Barcellos.

No tempo das cerejas ou verão andam todos orgulhosos e anchos, e se lhes perguntam donde são, respondem com má sombra: *que lhe importa? quer alguma coisa? o arrôcho vai entre a carga.* No inverno ao contrario andam muito mansinhos e humilham-se aos pés de todos: *ai senhor! sou da Misarella por Christo, oxalá que eu nunca o fora.*

E' tal o zelo desta gente na defesa das cerejas, que fugindo um dia uma melra com um bago no bico, elles foram de espada em punho em perseguição della até Pinhel, e vendo-a pousar-se de cansada em cima de um penedo, um delles atirou-lhe uma tal espadagada que partiu o penedo de meio a meio. E dizem que ainda lá se vê o penedo partido nas vizinhanças da villa.

5. Lenda de Folgosinho. — Andava o nosso primeiro rei em luta com os mouros e seguia em perseguição delles através da Beira, quando, havendo subido ao alto dum monte, disse para os valentes que o acompanhavam: *tomemos aqui um folgosinho.*

Mais tarde construiu-se alli uma povoação, e, como ainda estavam vivas na memoria de todos as palavras do rei, deram-lhe o nome de *Folgosinho*.

Esta lenda é evidentemente destinada a esplicar a etymologia do logar. Porém o verdadeiro etymo é *Felga* (do lat. *felica*), donde *Felgar*, *Felgoso*, *Felgosinho*, que todos figuram no Onomastico. Em abono deste etymo vem o facto de no português antigo aparecer sempre a graphia *Felgosinho*.

6. Lenda do ladrão Gaião. — Havia um homem tão desgraçado que todos os negocios lhe saíam mal, e não sabendo como acudir aos filhos que a chorar lhe pediam pão, abalou desesperado de casa e fugiu por esse mundo de Christo. Em certa estrada encontrou-se com um figurão, com um homem muito bem trajado, que, mettendo-se á conversa com elle e sabendo da sua miseria, logo prometeu ajuda-lo e até faze-lo rico, se lhe fizesse *escritura* da primeira cria que lhe nascesse em casa. O homem assim o fez e voltou con-

tente para a familia, onde tudo começou de lhe correr bem. Passados dias nasceu-lhe outro filho e só então é que elle percebeu o lôgro em que tinha caído, e que o tal figurão não podia deixar de ser o diabo, que viera comprar-lhe a alma do filho. Tal tristeza se apoderou delle que nunca mais riu em dias de sua vida, apesar de viver ainda por longo tempo.

O filho chegado aos 12 annos e sabendo da causa da tristeza do pai, resolveu, fiado na sua innocencia, ir ter com o diabo onde quer que elle morasse e arrancar-lhe o escrito da venda. Seguia elle por a estrada fóra, quando se encontrou com o ladrão Gaião, que era o terror d'aquellas vizinhanças, pois roubava e matava todos os que por alli passavam com dinheiro. Ao rapaz to porém não fez mal algum, antes o tratou bem e sabendo o fim da sua jornada, rogou-lhe até que voltasse por alli a contar-lhe o succedido.

O nosso mocito, depois de mil trabalhos e contrariedades, depois de muito perguntar e tornar a perguntar

sempre conseguiu chegar a casa do diabo. Bateu á porta e lá foi admitido á sala das visitas. Passados instantes appareceu o diabo maior, a quem elle intimou para lhe apresentar o bilhete da venda, fazendo-lhe ver que sua alma, sendo batisada, não podia pertencer-lhe: o diabo recusava e elle insistia cada vez mais, houve larga disputa entre um e outro e afinal o diabo não teve remedio senão ceder.

Mas eis que surgem novas difficultades. O bilhete estava fechado numa gaveta e não aparecia a chave. Os diabos menores, chamados um por um, diziam todos: *eu não, eu não.* Então o diabo maior, zangado por não o respeitarem, disse-lhes: *ou aqui apparece já a chave, ou vos mando deitar na cama de fogo reservada para o ladrão Gaião.* E logo um a deixou cair do seio, onde a tinha escondida.

Na volta para casa foi contar ao ladrão Gaião a cama que o esperava no inferno. Esta nova abalou profundamente o seu animo e fez que se entregasse a grandes penitencias, conseguindo afinal salvar-se, ao passo

que um seu irmão, que toda a vida fora um santo e que estava mesmo a entrar as portas do céo, perdeu-se só por escarnecer do tardio arrependimento do irmão.

7. Christo, S. Pedro e as Leiteiras.

— Quando Christo e S. Pedro andavam a pregar pelo mundo, aconteceu um dia estarem a descansar á sombra duma parede. Passa uma leiteira e elle mandou S. Pedro comprar leite para ambos. Ella porém deu-o ao desprezo, mostrando-lhe má cara e seguindo o seu caminho. D'ahi a pouco passa outra e Christo manda novamente S. Pedro. S. Pedro foi de má vontade, porque receava o tratamento da primeira vez, mas sucedeu-lhe exactamente o contrario, porque ella não só o acolheu carinhosamente, mas até lhe foi aquecer o leite que deviam tomar.

Algum tempo depois soube S. Pedro que a ultima leiteira era desgraçada em tudo: haviam-lhe morrido primeiramente todas as crias, depois as mães e já se via obrigada a empenhar a propria roupa para poder vi-

ver; ao passo que á primeira toda a fortuna lhe corria para casa sem a procurar.

— Como pode isto ser? A quem vos maltrata enchei-lo de benefícios e a quem vos serve voltais-lhes as costas?

— Não te inquietes, Pedro: a primeira tem a paga cá neste mundo e a outra ha de te-la no céo.

8. O rezador e o praguejador.— Seguia Christo acompanhado de S. Pedro por uma estrada fóra, e vendo alli perto um homem acocorado a rezar diante dum cruzeiro, disse-lhe: *adeus, vida de porco.* Mais adiante encontra um lavrador num campo a rogar pragas ao gado e ao arado, e diz-lhe: *adeus, vida santa.* S. Pedro, admirado destas expressões de Christo, começou a interroga-lo como podia aquilo ser. Christo disse-lhe que estivesse descansado, que antes da noite o saberia.

Deu varias voltas tratando dos seus negócios por aqui e por além, até que á boca da noite foram bater a uma porta, onde lhes apareceu um

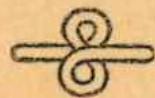
homem, que, apenas os encarou, logo lhes voltou as costas e deu com a porta na cara.

— Olhaste bem, Pedro, para aquella figura?

— Olhei, Senhor e logo o reconheci.

— Pois fica sabendo que, enquanto elle parecia rezar á cruz, o que estava era a ver como havia de roubar um carneiro para agora dar uma ceiota aos companheiros, e se veiu todo lampeiro abrir a porta, é porque julgava que nós o eramos.

Quanto ao outro, se rogava pragas, era só da boca para fóra e não do coração; o desespero é que o obrigava a dizer tolices.



Costumes

1. Ir aos gambosinos — Quando encontram um rapaz parvo ou muito crendeiro costumam induzi-lo a ir á caça dos gambosinos, que são uns animais muito raros e que dão uma fortuna a quem nos apanhar. Escolhem uma noite bem fria, e dessas não é preciso esperar muito tempo naquellas alturas.

Partem todos para o monte levando um saco de boca larga, e entregam-no ao pobre rapaz para elle ficar com elle aberto á saída duma mina, dum rego, ou dum passo estreito, dizendo-lhe que não arrede dalli enquanto o gambosino não vier metter-se no saco. Fingem ir sacudir ou dar uma batida ao monte e safam-se para casa, enquanto o pobre simprólas lá fica

horas e horas a bater o dente e só tarde se desengana do logro em que caíu.

2. Quando nasce uma nova criação na familia, costumam dizer aos irmãos mais velhos que aquelle menino veiu de encommenda e que foi a parteira busca-lo a uma terra distante.

3. A' garrida da Sé chamam a alcoviteira das creadas de servir, por lhes marcar a hora para os encontros com os namorados.

4. Quando no inverno o relogio da Sé começa a regular mal com o frio (por se gelar o azeite das molas), costumam dizer que é o relojoeiro que o desarranja de proposito para ganhar dinheiro para comprar o porco do Natal.

5. Quando uma pessoa quer agradecer a outra um qualquer serviço, diz-lhe: *muito obrigado*, e ella responde sempre: *Ora essa! não ha de quê.*

Mas ás vezes substituem o *obrigado*

por *bem haja*, que é vulgarissimo em Tras-os-Montes.

6. Costurnam chamar á Guarda a terra dos 4 *ff*: *feia, fria, forte e farta*; mas na linguagem dos tuberculosos que para alli vão tratar-se os adjectivos são em parte diferentes: *feia, fria, fedorenta e falsa*.

7. Quando se pergunta a alguem por gracejo se tem cara de burro ou de ladrão, elle responde logo: *Um ladrão tem a delle, eu tenho a minha, e um burro tem a sua*.

8. Quando se pede a uma pessoa que torne a dizer qualquer coisa que se não ouviu bem, elle costuma responder: *não sou filho de padre, nem relogio de repetição*.

9. A respeito duma pessoa que não merece credito é frequente dizer-se: *este é como os patacos carimbados, que só correm no Porto*.

10. A feira mais concorrida do districto é a de Trancoso, a 23 de

agosto, que dura oito dias. Começa na vespera de S. Bartolomeu, a quem chamam o santo dos capotes, porque naquella data já começa o frio por aquellas terras.

A maior feira, porém, dentro da cidade é a de S. Francisco, em princípios de outubro, que dura tres dias, sendo o ultimo destinado para as trocas dos ciganos (troca de burros).

11. Quasi toda a gente, mesmo pobre, que mora fóra da cidade, por aquellas serras ou descampados, tem sempre o seu burrico ou para o serviço de casa, ou para vir á cidade: rapazes, raparigas, mulheres todas gostam de andar a cavallo.

12. Dalli costumam fazer 7 leguas á raia, 14 a Castello Branco, e 16 a Idanha, donde reza a tradição que foi transferido um nucleo de povo para fundar esta cidade da Guarda em tempos de D. Sancho I, que lá figura ainda no nome duma das ruas.

13. A respeito de distancias é notável o que lá me disseram de Alverca, onde se repete quatro vezes o nu-

mero tres: dista 3 leguas da Guarda, 3 de Pinhel, 3 de Trancoso e 3 de Celorico.

14. Para dar a entender que uma mulher anda rota e esfarrapada dizem: *anda ponta abaixo e ponta acima.*

15. Para mostrar desprezo de qualquer coisa que se diz é frequente ouvir-se: *ora abobora, que é fresca, e arroz é agua.*

16. E' tambem digna de notar-se a frase *stá feito!* para significar a admiraçao, a estranheza, o espanto, a surpreza. Ex: quantos annos tem o menino? — Tenho doze: — Stá feito, stá feito, estão bem empregados».

No Minho é muito vulgar a mesma frase.

17. Os meses mais frios do anno são dezembro, janeiro e fevereiro, em que o thermometro marca ás vezes 9 graus abaixo de zero; são esses os meses das grandes nevadas, mas bom tempo, sobretudo janeiro; março e abril são mais perigosos por causa

do muito frio e da chuva; o ultimo principalmente é tido como muito traiçoeiro em razão das continuas mudanças de temperatura.

O que me parece que se pôde afirmar com segurança é que não ha alli as estações intermedias da primavera e do outono. A passagem do frio ao calor e vice-versa é quasi repentina.

Por ser muito agreste o inverno na Guarda é que se explica o facto de quasi todas as familias remediadas terem uma vivenda ou quinta lá embaixo no Mondego, a 20 k^m. de distancia, onde já se passa razoavelmente.

18. Nas grandes invernias o lobo desce da serra da Estrella e vem fazer estragos no povoado. Em 1907, não o lobo mas o tourão entrou nos quintais da cidade e fez uma horrivel chacina de gallinhas e perús, o que lá causou grande estranheza por não estarem habituados áquella visita.

19. A vinda do cuco é sempre esperada a 25 de março, dia de uma romaria que alli ha.

20. Quando nesse mesmo dia alguem começa a dizer que já ouvia o cuco, logo lhe respondem: *e não te espolhinhaste?*

21. Dos pêssegos grandes contam duas qualidades, chamando a uns maracotões ou de roer, e aos outros pêssegos de abrir ou de *salta-caroço*.

22. Ha um vinho chamado *graminês*, feito só para uso de casa e dos jornaleiros. E' puro, mas muito brando e pode beber-se o dobro do outro sem subir á cabeça.

23. O melhor pão-brôa que vem a vender á Guarda é o de Sampaio e o de Linhares.

24. Quando uma pessoa passa por outra conhecida e por distracção lhe não falla, esta diz-lhe logo: *ó F., falle á gente e guarde o seu dinheiro.*

E' tambem usado no Minho.

25. Quando se ralha com uma pessoa, que o não merece, esta res-

ponde: *o sr. falla comigo ou pede para as almas?*

26. O povo das aldeias nunca cita o nome de *Porcas*, freguesia a pouca distancia da Guarda, sem acrescentar logo: *com sua licença*.

27. Os estudantes ordinariamente estão *ao farnel*, isto é, vivem dos generos mandados de casa e só pagam o quarto e á cozinheira.

28. Quando os galluchos, que aprendem o exercicio no Largo de S. Francisco em frente do quartel, passam diante do Lyceu, os estudantes dizem com voz entoada: *quantos c... tem teu pai?* A que outros respondem, parodiando os exercicios militares: *um, dois, tres*.

29. Quando alguem pergunta *quantas horas são*, respondem-lhe gracejando: *faltam 10 reis para meio tostão, um soldado para um milhão, uma sardinha para um quarteirão*.

30. A's creanças que choram e gritam muito mette-se-lhes medo fingindo que se vai chamar o *Saldanha* ou o *homem das tesoiras*, que são uma especie de papões da terra.

31. Aos rapazes que gostam de pegar em armas de fogo dizem-lhes, para os assustar, que o diabo já deu um tiro com uma tranca.

32. Depois duma venda importante (bois, cavallo, egua etc.) é costume irem todos beber uma pinga e chamam a isto pagar o *alboroque*.

33. As tabernas ou lojitas fracas, para não gastarem dinheiro em taboletas, indicam ter cigarros á venda atando um cordel no alto da porta dum lado para o outro com rolinhos de papel pendurados.

34. Aos ultimos doze dias de dezembro e aos doze primeiros de janeiro chamam as *arremédas* do anno, porque conforme elles se apresentarem assim ha de sair elle.

35. *Consoada*. Em vespera do Natal todos os filhos que estiverem na terra, e os casados conjuntamente com a mulher e creanças, vem consoar a casa de seus pais. A consoada consta de peixe frito, bacalhau guisado, rabanadas, sonhos e outras especies de doce. E' uma noite de reinação e folia.

Joga se o *rapa*, o *tira*, etc., e no fim vão assar as pinhas, que vem a vender de longe, visto nas vizinhanças não haver pinhais.

36. Havia ha annos no fim da quaresma uma procissão do Senhor da Cana Verde, onde o rapazio fazia sempre barulhos e disturbios: foi supprimida pelo bispo D. Thomás.

37. Em quarta-feira de *trevas* havia tambem no meio do Officio divino grandes algazarras e desordens promovidas sempre pelos rapazes, que iam para a Sé armados de martelos e ferros, e incomodavam toda a gente batendo no soalho e colunas.

Desapareceu o costume com as

obras de restauração da Sé, que já começaram ha mais de 10 annos.

38. Em dia da Ascensão, quando as funcções religiosas se celebravam na Sé, era tambem costume irem creanças com açafates de flôres para o terraço ou tablado superior, d'ahi derrama-las sobre o povo, que assistia ao acto religioso, por uns orificios ou fendas do tecto.

39. Nas noites de Santo Antonio e S. João fazem-se fogueiras e queimam-se molhos de rosmaninho, que vão procurar pelos campos. Enquanto o rosmaninho arde, saltam as raparigas por cima da fogueira, dizendo: *serra em mim, Maria da Glória, que anda tudo co'a falda de fora.*

40. *Ceifas.* Nos domingos seguintes ao S. João reunem-se no largo de Camões, junto á Sé, diferentes bandos de ceifeiros de trigo ou de centeio, esperando quem os venha justar. Cada bando ou rancho é composto ordinariamente de 11 a 12 mu-

Iheres, 2 homens e 2 manageiros. Em quanto esperam que os patrões ou proprietarios os venham tratar, as mulheres de cada grupo cantam e dansam em roda, os homens tocam harmonium, pandeiro ou pifre, e os manageiros estão do lado de fora com um molho de tantas foucinhas ao hombro quantas são as pessoas do seu commando. E' a estes que os proprietarios se dirigem para fazer o ajuste. Se o fazem, o proprietario recebe o molho das fouces e vai dar de beber a toda a gente do rancho.

O jornal é aproximadamente o mesmo para os differentes ranchos em cada domingo; o que varia é de domingo para domingo conforme a exigencia do serviço. Os homens podem ganhar a 400 reis, a 360, a 320 etc.: as mulheres ganham sempre a metade dos homens.

No serviço da ceifa as mulheres vão no meio, os homens do lado e os manageiros atrás a átar os molhos.

41. Os arados usuais são os de pau, que me disseram ser os mais proprios para um terreno assim acci-

dentado e dividido em pequenas cou-
rellas.

42. Na casa onde falleceu uma
pessoa não é costume accender o lu-
me, enquanto o cadaver está sobre
terra.

43. Nos enterros, quando está o
prestito a partir para a igreja ou ce-
miterio, vão as pessoas da familia
despedir-se do morto e não se estra-
nha que o acompanhem até lá, como
ás vezes fazem.

44. Ao 3.^o dia do obito ha uma
missa a que assistem todos os paren-
tes e amigos juntamente com a fami-
lia anojada. No fim da missa, o pa-
dre que a disse vai á frente de todos
dar os pêsames á familia, que deve
ter voltado a casa apenas acabada a
ceremónia e que os espera á porta,
disposta em linha, homens dum lado
e mulheres do outro.

45. Quando o fallecido é rico,
faz-se-lhe officio completo de igreja,
e então dizem que teve todo o bem

d'alma; quando não o é, diz-se que teve só meio bem d'alma.

46. A expressão *menina e moça* ou *menino e moço*, tão usada pelos nossos classicos antigos, é aqui muito vulgar na boca do povo. A um homem de Alverca, que viajava no meu compartimento do comboio, ouvi dizer: «quem é menino e moço, pode correr muito mundo». Menino e moço quer dizer *solteiro* e *novo*, explicou-me elle.

47. Para dar a entender que numa casa houve algum roubo, dizem: *entraram lá quatro soldados e um cabo* (alludindo aos dedos da mão) *e logo, esquerda rodar.*



Adagios

1. Ir á Guarda sem visitar o Mонdego é ir a Roma e não ver o papa.
2. Dias de maio dias de amargura, ainda não apparece o dia e já é noite escura.
3. Pelo S. Tiago cadagota d'agua vale um cruzado.
4. Fins d'agosto dá o frio no rosto.
5. Em setembro ardem os montes e seccam as fontes.
6. No tempo da tomateira não ha má cozinha.

7. Para baixo todos os santos
ajudam, para cima é só um, e esse é
coxo.

8. Quem não pode do seu mal
morre.

9. Pão quente, muito na mão e
pouco no ventre.

10. Quem come um palmo de
castanhas mette um palmo de madei-
ra no ventre.

11. Quem dá o seu a quem no
entende, não lh'o dá que bem lho
vende.

12. Ai do mundo, que vai tudo
ao fundo.

13. Na terra do bem viver farás
como vires fazer.

14. Tres, numero que Deus fez.

15. Pão de hoje, carne de ontem,
vinho deste anno.

16. Dia a dia morreu minha tia.
17. Diabo perdido metteu-se a moleiro.
18. Os filhos de minha filha meus netos são, os filhos dos meus filhos ou serão ou não.
19. A laranja pela manhã é prata, de dia é ouro, e á noite mata.
20. Nossa Senhora d'Agrella não ha santa como ella.
21. O verão de S. Martinho é um dia e um bocadinho.
22. Quem ganha tres e gasta quatro, não precisa bolsa nem saco.
23. Coma bem e beba, que eu pago ao medico.
24. Não te fies em teu pai que é hespanhol.
25. No tempo dos cravos se co-

nhecem os burros e no tempo das flores se conhecem os asnos.

26. E' como a casa de Maria Ovelha, que não tinha chave nem caravélha.

27. Tudo requer da raça, até o perdigueiro para a caça.

28. Filho de burro não sai cavallo, nem filho de cabrito sai bode.

29. Vento sul ou da Covilhã é sinal de chuva, vento norte sinal de frio vento leste ou hespanhol sinal de tempo frio e secco.



Vocabulario da Guarda

Abalar, sair á pressa, fugir.

Abalorecer, encher-se de *balor*, pôr-se *balorento*.

Abóbora, boteifa, calondro.

Abóbora menina, boteifa grande e amarella, jerimú.

Aborrido, aborrecido.

Acurvejar-se, curvar-se, humilhar-se.

Adêga, loja do vinho.

Afaquear, esfaquear, ferir com faca.

Aforrado, a, (adj.), arregaçado (faltando do casaco, da calça, da manga, etc.).

Aguilhêda, aguilhada (ouvido a uma pessoa do Sabugal).

Agulhas, travessas de madeira que unem as duas chêdas do carro.

Albernó, sobretudo de senhora.

Alboroque, o vinho que se paga aos que ajudam a comprar ou a vender (sendo objecto de importancia, bois, cavallos, etc.).

Alcacia, acacia (planta).

Alcocres, damascos.

Aldravão, mentiroso, trapalhão.

Aldravice, mentira.

Alimo, alamo (arvore).

Alperces, alperches, damascos.

Alteria, arteria. Na frase *veia alteria*.

Amargulhar, mergulhar.

Amieirada, amial, logar de amieiros.

Amolar, importunar, chatear.

Ancoréta, pequeno pipo de forma espalmada.

Aparecer-se, parecer-se, assemelhar-se.

Apernados (frangos), atados pelas pernas.

Apleinar, aplinar, trabalhar em plaina ou plana.

Areia na cabeça (ter), ser atolabado ou maniaco.

Argadilho, a cabrita nas meadas.

Arincú, pyrilampo.

Arujos, agulhas, dictos picantes, picuinhas.

Arrebunhar, arranhar.

Arremêdas, retrato, pintura, imagem.

Asquelles, aquellos.

Assedar o linho, passa-lo pelo se-deiro.

Assentada, cada um dos talhões ou leiras em que se divide um campo, quando se arrenda a varios.

Atafais (dar cabo dos—a alguem), dar-lhe cabo da casta.

Auganoso, a, (adj.) aguoso, aquoso, cheio de agua.

Aventar, atirar ao vento, atirar fóra.

Avoar, voar.

Balôr, bolor.

Barbilho, correia que prende um ao outro pela parte de baixo os dois paus encravados na canga ao lado do pescoço do boi.

Bárbara, Barbara, n. proprio.

Bardino, doidivanas.

Barranceira, barranco.

Batida, montaria, caçada de muita gente para apanhar animais bravos.

Benta, feiticeira, bruxa.

Bento, feiticeiro, bruxo.

Bergamota, especie de pêra.

Bolsa, saco, saca.

Bórras, restos de vinho.

Borrêga, bôlha feita pelo calçado.

Botêlha, boteifa, abobora, calondro.

Botêlho, o saco das maquias no moinho.

Braço de cebolas,reste, cabo, cordão de cebolas atadas.

Bravo de Esmolfo, qualidade de maçã.

Brochões, pregos grandes da chapa do carro.

Brôma, morcão, palerma.

Bueiro, orificio ou buraco de entrar ou sair agua nas paredes dos campos.

Bureco, buraco (ouvido a uma pessoa do Sabugal).

Burranca, burra fraca.

Burras (andar de), andar de rastos por uma subida acima ou abaixo.

Burreco, burro fraco.

Cachanolas, castanholas ou castanhêtas, aparêlho de tocar que se mete nos dedos da mão.

Caço, alguidar ou bacia em que se dá de comer aos animais.

Cagúlo, cogúlo (fallando do al-queire).

Caibral (prego), prego grande.

Calada, occasião propria, occasião. Ex.: boa calada para apanhar coelhos.

Caldeiro, panela de folha.

Calhamaço, mulher feia e mal arranjada, estafermo.

Calhôrro, a, (adj.), malandro, atrevido.

Calondro, abóbora de comer ou fazer doce.

Calquera pessoa, qualquer pessoa.

Cambal, apparelho de madeira ao lado da andadeira do moinho.

Cambulha de peixes, enfiada, ganchada, muitos pendurados num gancho.

Canga, jugo com apparelho de prender á roda do pescoço do boi: são dois paus encravados no jugo e atados pelo barbilho.

Canteiros, vêde *malhais*.

Capado, cabrito já crescido, quasi bode.

Capão, mólho de vides.

Caramelo, gelo, agua gelada.

Carcajeira, mulher que vende carne de queja.

Carneiros, bichos da fruta, especialmente das cerejas.

Carquejar, cacarejar (a gallinha).

Carumba, caruma, pluma dos pinheiros.

Carrapato (em), em pêlo, nú.

Carvalha, especie de herva que nasce nos quintais por entre as couves e batatas.

Cavallo marinho, bengala feita de cavallo marinho.

Casqueiro (pão), pão só de centeio para os soldados.

Castinheiro do inferno, pela descrição que me fizeram julgo ser o que no Minho chamamos *figueira do inferno*.

Catasol, herva cheirosa dos quintais.

Catraia, cabana (ouvido a uma pessoa de Varzea de Candosa, Tabua).

Cavallejo, cavallo fraco.

Cavallidade, cavallo, egua.

Champorreão, bebida de café com agua e assucar.

Chocas, pingos de lama no fato.

Cigano, (adj.), astuto, velhaco, manhoso.

Cipó, cajado, pau.

Coalhar, ajuntar, reunir, guardar.

Coelheiras, quartos estreitos e abafados do Seminario (nome que lhes dão os estudantes e a gente da cidade).

Côrno! ou *Caramba-côrno*, interj. de admiração.

Corcolhér, codorniz, calcoré (Minho), corcalhé (Tras-os-Montes).

Corcória ou *corcodia*, cascão, casca grossa de pinheiro.

Costal, fardo ou saco que se leva ás costas de animal ou homem.

Cotovio, cuco, homem cuja mulher lhe é infiel.

Coucão, contraforte de madeira por baixo das chêdas.

Couquêta, emenda de madeira posta no meio do coucão, quando gasto pela roda.

Crapinteiro, carpinteiro.

Cravinêtas, craveiros de flor mais pequena.

Crucifício, crucifixo.

Cú (trazer creada ao), trazer creada atrás de si.

Cuco, homem que tem mulher infiel.

Cuecas, socos fracos.

Deçar, demolhar (o bacalhau).

Deparar, conceder, dar. Ex: Deus te *depare* melhor sorte.

Diabélicas, nome d'uma planta.

Dobadeira, urdideira ou apparêlho de urdir as teias, feito com ganchos de ferro na parede.

Domingar, trazer ao domingo. Ex.: casaco de *domingar*.

Eixe, interj. de tanger os bois.

Empinar, erguer, levantar.

Encarapitar-se, subir ou trepar apressadamente por uma arvore acima.

Encinho ou *enxinho*, ancinho ou gancho de madeira com dentes.

Encioso, cheio de cio.

Enfragada (agua), agua que rebenta de fragas.

Enfeirar, feirar, ir á feira comprar ou vender.

Engala, as cavas do eixo onde assenta o carro, *lumes* (em Barcelos). *romão* (em Villa Real).

Engaço, bagaço, os restos da uva depois de espremida.

Enriar o linho, pô-lo de molho nos rios.

Entancar a agua, junta-la em prêsa ou tanque (o mesmo dizem em Villa Real).

Enchido (fazer o), fazer chouriços ou salpicões.

Erreira, rela ou rã dos moinhos, pedra achatada sobre a qual trabalha o rodizio.

Esfollinhar, limpar a fuligem da cozinha.

Espadelar, bater o linho com a espadela.

Espolinhar-se, revolver-se no chão (fallando das bestas).

Espurgar as batatas, estonar, descascar.

Estalada, bofetada.

Estandarte, estaférmo, pessoa apalermada.

Estiar, aquecer ou aclarar o tempo.

Fanéga, medida de 4 alqueires.

Farnel (estudantes de), estudantes que vivem dos generos que a familia lhes manda de casa.

Fatiga, fatia.

Feião, muito feio.

Feitãos, fetos (planta).

Fenjões, feijões.

Ferra, pá de ferro para apanhar brasas.

Fieldade, fidelidade.

Foguetear, fugir como um foguete.

Foito, afoito, arrojado.

Fonteira, aguadeira, mulher que traz agua das fontes para as casas.

Fossa moura, cavidade subterrânea para as immundicies.

Fugueiros, fueiros.

Gaganho, gago.

Galhada, rasgão n'uma toalha, n'um vestido (feito por um galho).

Gancha, instrumento com dentes de ferros.

Garrotelho, doença das vides.

Gaspiadas (calças), feitas com pano de varias côres e qualidades. Terminam em boca de sino e são usadas pelos *Maneis* da aldeia.

Gestas, giestas.

Gôlas, goles ou golos (de liquido).

Gómitos, vomitos.

Gomitar, vomitar.

Gramar, clamar, berrar.

Graminês (vinho), vinho fraco, brando, para uso de casa.

Grencho (cabello), cabello annel-lado.

Guia, sôga (de prender os bois).

Guilho, ferro encravado no fundo do rodizio e que trabalha sobre a *rela*.

Intermentes, enquanto.

Invejôsos e assim todos os pl. de adj. em *ôso*: *queimôsos*, *formôsos*, *raivôsos*, etc.

Jagodes, (subst.), palerma, homem estupido.

Juditha, Judith, n. proprio.

Jugo, pau atravessado sobre o ca-chaço dos bois, com uma asêlha no meio feita pelo tamoeiro, onde prende a cabeçalha.

Kiá, interj. de chamar os porcos.

Lameiras, terras fundas e regadas.

Lameiros, o mesmo.

Lanzoar, palrar, fallar de mais.

Lavadoiro, pedra de lavar.

Le, lhe.

Linguarudo, linguareiro.

Machada, machado pequeno, ma-chadinho.

Maçães, maçãs.

Malapia, especie de maçã.

Malhais, rolos de madeira para descer a roda do moinho, quando é preciso pica-la.

Malho, machado.

Malvadeza, malvadez.

Manageiro, chefe d'um grupo de ceifadores ou cegadores.

Mangual, malho de bater o centeio ou o milho nas eiras.

Margiar, abrir sulcos com o arado na terra semeada de centeio ou trigo, ficando as margens de permeio.

Marrā, carne fresca de porco.

Marrafinha, cabelleira, cabello penteado.

Marrano, porco.

Maçar ou amaçar o linho, bate-lo com um maço.

Matrefão (vinho), feito ao martello.

Matrefões, trapalhões, embusteiros, enganadores.

Mêdo, alma do outro mundo.

Melão, melão de forma comprida.

Melôa, melão arredondado.

Menina e moça, solteira e nova.

Methildes, Methilde, n. proprio.

Miólos, migalhas, restos de pão.

Mira, vista, acto de mirar.

Misagra, dobradiça das portas.

Moiras, chinellas.

Moinho: eis o nome de cada uma das suas peças:

Moéga ou *tôrba*.

Cal (quêlho).

Trambélo (chamadoiro).

Andadeira ou mó de cima.

Mó de baixo.

Segurelha.

Veio.

Lobête.

Rodizio.

Penas.

Guilho ou ferro.

Réla ou *erreira*.

Porca ou tento.

Cavouco.

Pejadoiro.

Moita, matta, devesa.

Mólhada, molho grande.

Molhêlha, apparelho de coiro no pescoço dos bois.

Montraste, mentastro, (planta).

Morcão, homem indolente.

Moreira, amoreira (arvore).

Moscas brancas, neve, folleca (do Minho).

Nádua, nódua.

Nalgada, pancada com as nadegas.

Nascente, (subst. m.), fonte de agua.

Ougar, vir agua á bocca, desejar ardente mente um objecto.

Palheira, casa de abrigar a palha.

Palheiro, monte de palha (da herva ou centeio) á roda dum pau e exposta ao tempo. E' o que chamam *serra de palha* no Minho.

Palmar, empalmar, roubar.

Pantana, tolo, palerma.

Parrana, palerma, estúpido.

Patrocina, Patrocinia, n. proprio.

Patrôna, algibeira das mulheres.

Pedral (figo), negro por fóra e vermelho por dentro.

Peixota de bacalhau, um peixe de bacalhau, um bacalhau.

Pellar, tirar a pelle, estonar, descascar.

Perca, perda.

Pergunta, procura, busca.

Perguntar, procurar, buscar.

Pertencer de..., pertencer a. Ex.:

«F. pertence de uma familia de Trancoso».

Picapau, picanço, cegonha.

Picanço, apparelho de tirar agua dos pôcos, cegonha,

Pigaças (barbas), pigarças, grisalhas.

Pirolito, especie de gazosa.

Pitas, gallinhas.

Planta-fórmia, simulacro, apparenzia, fogo de vistas.

Pleina, plaina, instrumento de carpinteiro.

Pôcho, topête do cabello no alto da cabeça.

Podôa, foice, instrumento de podar.

Poldras, passadeiras, pedras de atravessar um regato.

Pollinaira, Appolinaria, n. proprio.

Porca, prancha de madeira em que assenta o rodizio do moinho.

Quarta, meio cantaro, 4.^a parte do almude.

Quarto, quarteirão (de azeite).

Queimoso, que queima ou faz arder a lingua. Ex.: «pimentos, queimôsos».

Quintos (ir para os), ter má sorte.

Raiz (de), desde os fundamentos.

Ranchada, grande rancho.

Raparigão, grande rapariga.

Rebordãos, castanheiros bravos, não enxertados, que dão castanha redonda.

Recadém, a ultima travessa de madeira que une as chêdas na extremidade do carro.

Récula, multidão.

Réla, peça do moinho, o mesmo que *erreira* (vede esta palavra).

Repêso, arrependido.

Repotrear, cavallear um potro.

Réssiga, ressa, camada de sol.

Restia d'alhos, um cordão de alhos atados.

Ribeira, rio pequeno.

Ricalhouço, homem muito rico.

Ripar, passar as pontas do linho pelo *ripanço* para lhe tirar a *baganha*.

Rodado, a volta das rodas do carro, a parte que pousa no chão, o rasto.

Rodijio, rodizio do moinho.

Rosmano, rosmaninho (planta).

Saltarico, saltão, (insecto).

Samarreiro, pellicreiro, o homem que compra as pelles de cabra pela serra aos lavradores.

Samear, semear.

Sebe, caniças do carro.

Sega, ferro pendente do tamão do arado para abrir a terra.

Seitoira, foicinha, instrumento de segar herva, trigo, centeio.

Serapôto, labrêgo, bruto, estupido.

Serrador, foucinhão, ferro encurvado e dentado como a seitoira, que se encaixa numa asêlha de ferro engravada na parede e serve para cortar em miudos a palha dos cavallos.

Sincelô, caramelo pendente das arvores e telhados, quando ha nevoeiro e depois cai geada.

Sincelôso, cheio de sincello.

Soga, correia de prender os bois.

Soidades, saudades.

Soito, souto.

Sotão, loja ao rés do chão.

Sovados (bolos), feitos de farinha bem amassada e destinados ás creanças.

Stadulhos, fueiros do carro.

Stila (carvão de), feito de toros de carvalho.

Surdina, bofetada.

Surmin, selamim.

Taleiga, saca.

Tanso, parvo, tolo.

Tina, dorna, baça (do Minho).

Tólho, (subst. m.), rapazote vadio e malandro.

Tomatas, tomates (planta).

Tomates, testiculos.

Tónho, vadio, malandro.

Tórba, moega (do Minho). E' palavra gallega (cf. *Diccionario gallego* de Valladares Nuñes).

Tórga (carvão de), feito de toros de urgueira vermelha.

Tórsa, padieira da porta.

Trambusana, tempestade, carga d'agua.

Treitoiras, couções (do Minho), peças de madeira entre as quais se volve o eixo do carro.

Tremonhado, caixa de madeira onde trabalha a roda do moinho.

Trizia, ictericia.

Trôxa, mulher desageitada e de mau proceder.

Ugar, igualar.

Urdideira, apparelho de urdir a teia feito com ganchos de ferro engravados na parede.

Uvar, uivar.

Vianda, lavaduras, restos de comida.

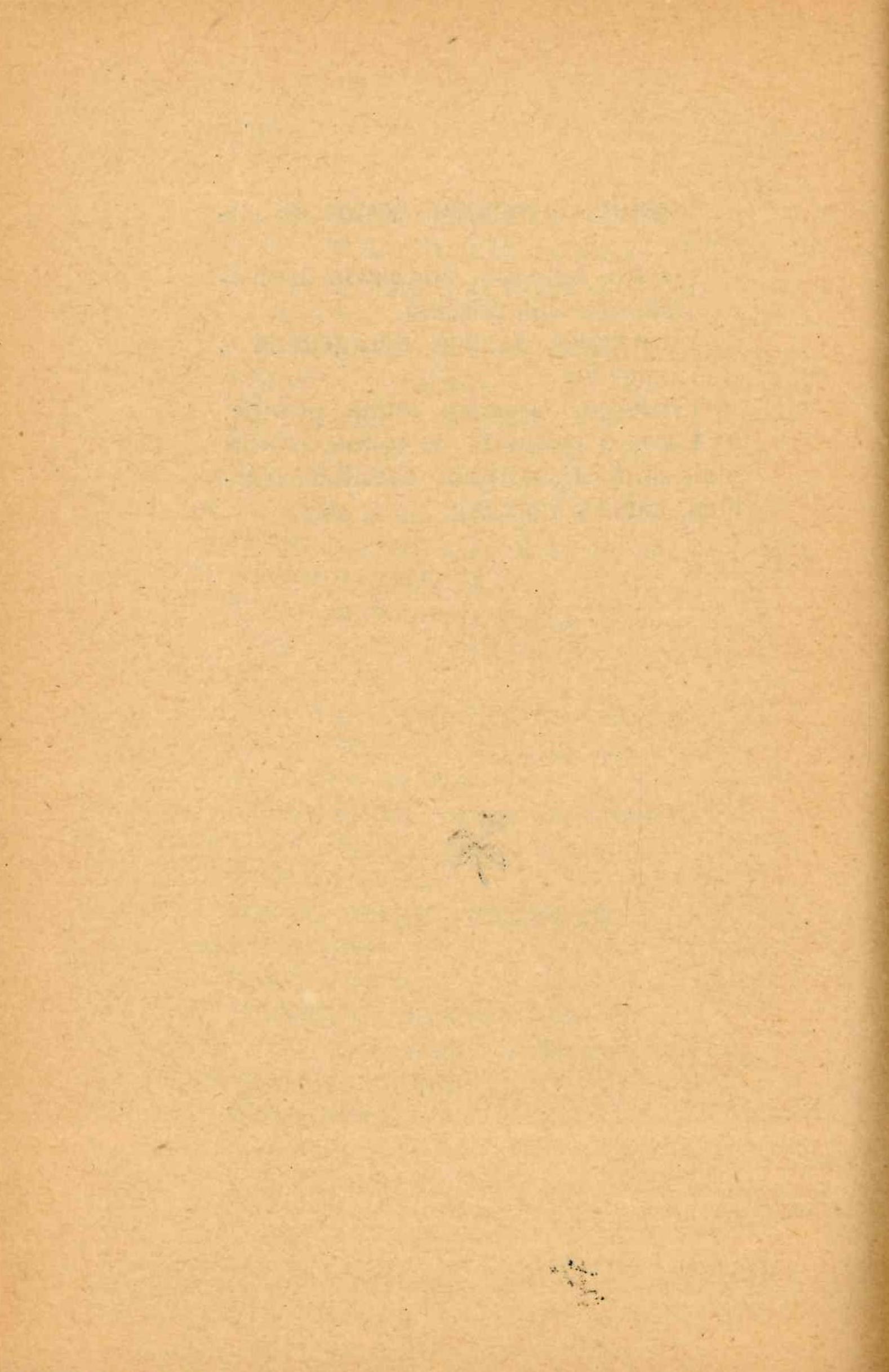
Variço, lançudo, comprido de corpo (fallando dos porcos).

Viandeira, mulher desageitada e que nada faz.

Vinhágó, vinhedo, vinha grande.

Vivo, o conjunto de todos os animais domesticos (bois, cavallos, ovelhas, cabras, porcos).





Toponymia do concelho da Guarda

Os nomes dos logares são extraídos da *Corografia Moderna*, de João M. Baptista, vol. III e VII.

Muitos nomes vão em branco, porque ainda os não pude decifrar. Seria talvez melhor imiti-los, apresentando simplesmente aquelles de que podia dar uma tal ou qual explicação. Pareceu-me porém que, deixando-os ir assim, era um incentivo para despertar a curiosidade do leitor dado a estes estudos e provocar a solução dum ou d'outro desses problemas.

Abarela

Albardo, do ar. *albarde*, significa coisa fria, logar frio. (*Vestigios da lingua arabica*, por Fr. João de Sousa).

Alfarazes, do ar. *alfarase*, logar dos

cavalleiros. (*Vestigios da lingua arabea, etc.*)

Almezendinha

Alqueidosa

Alvendre, parece uma alteração da palavra ar. *alvende*, que no antigo português significava alvará, decreto, diploma real.

Ambom

Amieira, o mesmo que amieiro. Ha uma tendencia popular para forjar o genero masculino e feminino em todas as palavras por meio da desinencia: genro, genra; nôro, nôra; gallinho (dialecto de Goa), gallinha; pereiro, pereira; carvalho, carvalha, etc.

Andalho

Argomil, do gen. *Agromiri* do n. pr. gothico *Agromirus* (cf. *Dipl. et Chart.*, documento n.º 13).

Arrifana, do ar. *arrahana*, a horta. (cf. *Vestigios*, etc.)

Arroçaio

Avereiro, de *Abrarius*. n. gothico.

Bagulha, pequeno bago.

Baiuca, taberna fraca, tenda pequena.

Balsemão, parece ser aumentativo de *balsamo*.

Barrocal, o mesmo que *barrôco*.

Benavente

Benespera, do lat. *bene spera*, espera bem. A conservação do *n* intervocalico talvez se possa explicar pela influencia do castelhano, que na Guarda me pareceu muito accentuada.

Bèsteiros, do lat. *balistarios*, os homens que iam para a guerra armados de bêsta ou garrucha.

Bidarra

Botecella

Bragal, pano grosso de que se faziam as bragas; pano de estopa ou linho de que se fazem as toalhas, lençoes, camisas, etc.

Cabroeiro, o homem que guarda os cabrões ou bodes.

Cairão, aumentativo de *caira*, que no antigo português era uma medida que regulava por $\frac{3}{4}$ de alqueire.

Carapêto, nome duma herva que serve de contraveneno.

Carapito, talvez o mesmo que *carrapito* ou cabelo atado no alto da cabeça, designando assim um logar alto.

Carrasca, arbusto silvestre especie de carvalho; abrunheiro bravo.

Carvalhal meão, collocado no meio, da lat. *medianum*.

Catelães, *villa Catelanis*, quinta ou predio do sr. *Catela*, provavelmente n. gothico.

Cavadoude

Chamiça, lenha miúda, palhiço para acender o lume, do lat. *flammitiam*.

Charneca, terreno inculto e improdutivo.

Charro, rasteiro, baixo (de origem basca).

Cheiras, por *chaeiras*, do lat. *planarias*, significa logar plano, planice.

Choupa, ponta de ferro que se encaixa na extremidade dum chuço cu estoque.

Codeceiro, logar de codeços.

Colmial, logar de colmeias ou cortiços d'abelhas.

Corujeira, logar das corujas.

Cotrofe, talvez o mesmo que *catrofa*, que em Tras-os-Montes significa a nuca ou parte posterior da cabeça.

Couqueiro, pequeno coucão (cf. no *Vocabulario a palavra couqueta*).

Coval, o mesmo que *cova*.

Coviais

Cravella, pequeno cravo (flôr). E

palavra que não apparece em Diccionarium; mas se *clavum* deu cravo, que muito é que *clav-ellum* e *clav-ellam* dessem respectivamente cravello e cravella !

Donfins, do lat. *Domnus Felix* (cf. *Sanctus Felix*, Sãofins).

Ereira, do lat. *heder-arium*, a hera.

Escoladas, o mesmo que *descolladas*, porque na linguagem popular o prefixo *des* transforma-se em *es* (cf. *estruir* ou simplesmente *struir*, *stroço* etc.)

Famalicão, de *Famalicanus*, n. gothico.

A forma lat. *famelic-anus*, faminto, derivada de *fames*, só podia dar *famel-gão*. As formas gothicas, embora todas alatinadas, não estão em grande parte sujeitas ao processo rigoroso da transformação do latim, por haverem entrado na lingua depois de passada a época das transformações.

Farrusco, sujo, immundo, com a cara *ensurrascada* de carvão.

Felgueira, logar onde ha *felgas*, herva de raizes muito ramificadas que se encontra ao lavrar.

Féteira, logar dos fétos ou fentos.

Foia, do lat. *foveam*, a cova. E' um allótropo de *fôjo*.

Fontão, o deus das fontes, do lat. *fontanum*.

Forneas

Freguil

Galritta

Garraz

Gonsalveiros ou *Gonsalvinhos*, é um derivado de Gonsalves.

Grandela, um pouco grande, do lat. *grand-ella* (de *grandis*).

Granja, do lat. *gran-ea* (*granum*), casal ou predio rustico.

Guilhafonso, do n. pr. gothico *Wiliafonsus*.

Gulfar

Isna

Jarmello, do lat. *germanellum*, o irmãozinho. E' vulgar nos geografos antigos o chamar *irmãos* ás ramificações duma montanha.

Jéguintes, não ouvi pronunciar esta palavra como nome *commum* na Guarda, mas na lingua vulgar do Minho significa homem simples e pouco esperto.

Maçainhas, maçãzinhas.

Mai da migança, māi da fome ou

da magreza. *Migança* por *mingança* é uma dissimilação do segundo *n*.

Malagrido, este nome apparece na Hespanha e na Italia e parece ser de origem gothica.

Mampelêu, provavelmente nome gothico (cf. *Milêu*).

Margaride, do gen. *Margaritae*, ou antes de *villa Margaritae*, predio ou quinta da sr.^a Margarida.

Martim-diz

Maruta

Maunça, do lat. *manu-ciam* (de *manus*), a extremidade metalica do fuso, o pegadoiro ou o ponto onde a fia-deira pega com a mão.

Medrôa

Menoita

Menosta

Milêu, do gothico *Mirleus* (cf. *Hist. de Port.* de A. Herc. II, notas, pag. 504 da 2.^a ed.)

Miragaia, no Porto é nome dum logar em frente de Gaia, que está a *mirar Gaia*. Deve ser um nome transportado do Porto para aqui e fundado em alguma relação de semelhança.

Moita, grande quantidade dc herva

accumulada num pequeno terrão ou ponto de terra, do lat. *multam*.

Móra, demora ou pausa.

Oleiro, o louceiro, o homem que faz louça, do lat. *ollarium*.

Noeime

Panoias, do lat. *Pannonias*, nome importado do centro da Europa pelos Godos.

Pequito, deriva de *peco* e significa definhado ou que não medra.

Pessota

Picotás

Pinhães, o mesmo que *pinhais*. Naquella palavra ha uma post-sonancia nasal.

Pinzio, logar onde ha pinheiros, do lat. *pini-tium*.

Pisão, engenho ou aparelho de pisar ou bater o pano para o espessar.

Porto Mé

Pousade, do lat. *pausatae*, logar onde se descansa.

Pregula, do lat. *pergula*, a varanda, a grade, a ramada ou latada de vides.

Pucariça, logar dos pucaros.

Queijais, onde ha queijos ou se fazem.

Rabaça, uma herva dos quintais. O nome vem-lhe de ter um nabo parecido com o das *cenouras*. Em lat. *rap-atia* de *rapum*.

Rambola, talvez seja o mesmo que *rámola*, que, nas fabricas de lanifícios, é uma serie de quadros de madeira com ganchos para estender ao sol os estofos de lã.

Rapoula

Rebolal, logar onde ha rebôlos.

Rebordal, rebordo, borda, extremidade.

Relva, herva rasteira e muito unida que cobre um terreno.

Rendo, do n. pr. gothico *Ran-dus*.

Nos *Dipl. et Chart.* doc. 86 e 96 vem *Rando*.

Rio-diz

Rocamondo, é nome gothico. Nos *Dipl. et Chart.*, doc. 29, 31, 76, 98 apparece *Recemondus*, *Recemundus* e *Recemundo*.

Rochoso, cheio de rochas.

Serdeiral, logar de serdeiras ou cerejeiras.

Serenadas, festa de musica ao *sereno*, ao ar da noite.

Soida

Sortelhão, aumentativo do *Sortelha*, que vem de *sorticula*, pequeno quinhão pequena parte.

Sueiro, n. pr. de origem gothica, onde significa pesado (cf. Diez, *Gram. des lang. rom.*, II, 284 da trad. fr.).

Tente**Tintinôlho**

Touto, o mesmo que *touta*, cabeça, e designa talvez um logar alto (cf. *toutiço*).

Traginha

Trocheiros, é um derivado de *trocho*, bordão, pau, sarrafo.

Urgueira, do lat. *ulicariam* (*ulex*), a urze.

Valdeiras, valle d'eiras ou das eiras.

Valhelhas, do lat. *vallic'las*, pequenos valles. O primeiro *lh* é devido á influencia do segundo.

Vallongo, do lat. *vallem longum*, valle longo ou extenso.

Varje, é uma alteração de *varzea*, que significa uma campina nas margens de rio.

Vasconeto

Vellêdo, logar cheio de pêlo, do lat. *villetum* (de *villus*).

Verdugal

Zombito, algum tanto cambaio ou torto das pernas. E' um derivado de *zambo* (cf. a palavra *zambro*).



INDICE

	Pag.
Prologo	5
Quadras	11
Oração ao moleiro	15
Superstições	17
Lendas	21
Costumes	31
Adagios	45
Vocabulario	49
Toponymia	69

No prélo

Do mesmo autor:

Tradições populares, linguagem
e toponymia de Barcelos

biblioteca
municipal
barcelos



6355

Tradições populares e
vocabulário da Guarda